

HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO EM MINAS GERAIS*Historiography of Education in Minas Gerais*Maria do Carmo Xavier¹**RESUMO**

Apresentado na Conferência de Encerramento do VII Congresso Mineiro de Pesquisa e Ensino em História da Educação – COPEHE ocorrido entre os dias 04 e 06 de setembro de 2013, este texto relata o processo de experiências vividas ao longo dos sete encontros que marcaram uma jornada de trabalho, de conhecimentos, de descobertas, de trocas e avanços que se estabeleceram em Minas, no campo da pesquisa e do ensino em História da Educação desde o ano de 2001. Ao prepara-lo para essa publicação, optei por manter a linguagem e as características de um texto que foi escrito para uma exposição oral.

Palavras-chave: memória, relato de experiências, Congresso Mineiro de Pesquisa e Ensino em História da Educação; palestra de encerramento.

ABSTRACT

Presented at the speech closing in the VII Congress Mineiro of Research and Learning in History of Education - COPEHE occurred between days 04 and September 6, 2013, this text describes the process of experiences over the seven meetings that marked a workday, knowledge, discoveries, changes and advances that have settled in Minas Gerais, in the field of research and teaching in the History of eEducation, since 2001. When preparing it for this publication, I chose to keep the language and characteristics a text that was written for an oral presentation.

Keywords: memory, experience report, Congress Mineiro of Research and Learning in History of Education; Closing speech

¹ Doutora em História da Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Pesquisadora do Centro de História da Educação da UFMG, com participação no projeto interinstitucional “Moderno, Modernidade, Modernização: a educação nos projetos de Brasil” e “História e Memória da Faculdade de Educação da UFMG” (In Memoriam).

Lembro que a equipe organizadora desse Congresso; os colegas do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto UFOP - junto a outras instituições universitárias, nos brindou com este acontecimento. Todos sabem o quanto é difícil organizar a logística de um evento como este, em meio às demandas da vida acadêmica. Agradeço, especialmente, o grupo de Pesquisas em História da Educação: o professor Marcus Vinicius Fonseca, a professora Rosana Areal, a professora Juliana Hamdan e a professora Maria Aparecida Augusto Satto Vilela que, num ato generoso, convidaram-me para essa mesa.

O convite é fruto da acolhida amorosa que venho recebendo de amigos e de “lugares institucionais”, nos quais as pessoas conjugam ciência e afeto. Reconheço o quanto reflexões acadêmicas são favorecidas pela troca de experiência nos grupos de pesquisa. Tenho o privilégio de fazer parte de um deles; o Centro de História da Educação – GEPHE/FAE/UFMG – lugar institucional que tem me possibilitado elaborar pesquisas e participar de discussões do campo da história da educação. Compartilho nos projetos de pesquisa - “Moderno, Modernidade, Modernização: a educação nos projetos de Brasis” e “História e Memória da Faculdade de Educação da UFMG” as presenças generosas do professor Luciano Mendes Faria Filho e da professora Andrea Moreno, no compartilhar conhecimentos e descobertas do trabalho em grupo. Nos últimos dois anos, essa convivência tem preenchido a minha vida de significado, beleza e alegria.

As pessoas que me conhecem sabem o significado dessa experiência na minha vida. Por isso, confesso que, quando recebi o convite para essa mesa, um turbilhão de sentimentos tomou conta de mim. Uma mistura de alegria, medo, ansiedade.... Sentimentos que estão presentes, aqui e agora, mas, quero dominá-los para dar conta da tarefa que me foi confiada.

A vida acadêmica é o lugar das palavras. Palavras que nascem da pesquisa, da reflexão, da necessidade de comunicar ideias, difundir conhecimentos. Palavras encantam, seduzem e desencadeiam ações. Sou atraída diariamente pelas palavras, e, sempre me pergunto: Como aqueles, que são reconhecidamente escritores, lidam com as palavras? Que arte é essa, de transformar ideias em textos?

Diariamente produzimos textos por exigências do ofício. Contudo, percebo a escrita como algo mais que isso. Trata-se de uma operação delicada que exige talento e criatividade. Confesso o meu encantamento com a ideia “ingênua” do texto brotando das mãos do (a) escritor (a). Como acontece numa das cenas do filme “Hannah Arendt”².

Para quem ainda não o viu, Hannah é convidada, em abril de 1961, a cobrir o julgamento do nazista Adolf Eichmann e escrever a respeito. Ao voltar de Jerusalém, ela produz, compulsivamente, um conjunto de textos que deu origem a uma das mais

² Filósofa e jornalista judia, Hannah Arendt (1906-1975) exilou-se nos EUA em 1941, após a fuga do campo de concentração de Gurs, durante os anos negros da Segunda Grande Guerra. Em 1951, obteve cidadania norte-americana e nesse mesmo ano foi publicado o seu livro “As Origens do Totalitarismo”. Esta obra tornou-se um clássico dentro da comunidade intelectual e lançou a sua carreira nos Estados Unidos. O filme, realizado por Margarethe von Trotta traça o retrato de uma intelectual incompreendida quando se atreve a fazer uma reflexão sobre o Holocausto de um modo absolutamente inovador. Enfrentando duras críticas, se manteve fiel às suas convicções.

notáveis obras da autora, “A Banalidade do Mal”. No filme, cativa-me a cena em que ela escreve o texto. É como se ela se embrenhasse na escrita, vivendo outro tipo de realidade. É como se ela mergulhasse numa caixa de vidros transparentes, na qual percebe tudo, se apropria de tudo.

Conto essa história para dizer que diante do desafio de escrever esse texto desejei, profundamente, escrever com “estilo”. Queria produzir um texto que pudesse revelar a alma dos nossos Congressos. Um texto que fosse capaz de expressar a *experiência e as expectativas* dos nossos encontros.

Apelei então aos espíritos de Hannah Arendt, Guimarães Rosa, Clarice Lispector e pedi com fé que me ajudassem nessa empreitada. Claro, eles não me socorreram! Mas, em meio a essa pajelança me deparei com os escritos da poetisa, escritora e pesquisadora da inter-relação linguagem, cognição e cultura, professora do CEFET, e, mãe de uma criança pequena. Estou falando de Ana Elisa Ribeiro, autora do artigo, “Tempo de Escrever e Tempo de Publicar” (Suplemento Literário, Jornal Minas Gerais, out/2009)³.

Lendo seus inquietantes textos percebi que o medo de “não ter estilo”, de “não saber escrever bem”, poderia ser transposto se assumisse minha maneira pessoal de expressar. Explico: Ana Elisa diz que o “[...] estilo é um conceito controverso para uma ideia vaga de alguma coisa que aflora”. Quando ele existe, quem o detecta é o leitor. O “estilo” é o jeito singular de “arranhar” o papel, de ecoar a voz, de organizar o texto. O estilo está nas escolhas que fazemos em relação às palavras, aos termos, à sintaxe, ao idioleto⁴.

Estimulada por essa ideia me senti “livre” para escrever esse texto a partir do coração, *amorosamente*, sem medo de desequilibrar no timbre. É ousadia dizer que falo de historiografia da Educação em Minas Gerais, título dessa mesa e tema que fui incumbida pelos colegas. Tal temática tem sido contemplada por historiadores cuja reflexão sobre o tema é notória, e suas contribuições têm oferecido suporte ao nosso fazer historiográfico. Não tenho pretensão tão alta. O que trago para essa mesa são as escolhas que fiz para tentar compreender o sentido dos nossos Congressos ocorridos entre 2001 e 2013. Minha opção foi *narrar acontecimentos, sentimentos e expectativas*. O propósito, *explorar as possibilidades* de uma escrita que deseje apreender e reconhecer os nossos Congressos como acontecimento como uma força a partir da qual se desencadearam ações e se efetivaram nossos objetivos.

Mas, o que é acontecimento? Como utilizar essa noção e não cair nas armadilhas do senso comum? Os nossos Congressos são *um acontecimento*? Começo conceituando “acontecimento”, tal como foi apresentado por Pierre Nora num texto escrito em 1974. À época disse o historiador francês:

[...] a história contemporânea viu morrer o acontecimento “natural”, onde se podia idealmente permutar uma informação por um fato real; entramos no reinado da inflação dos acontecimentos e temos que, a bem ou a mal, integrar essa inflação na trama da nossa existência quotidiana.” (NORA, 1974:180)

³ “Os tempos de Escrever e Publicar”, Suplemento Literário, Belo Horizonte, 10 de outubro, 2009, p.7-9.

⁴ Conjunto dos hábitos linguísticos típicos de um determinado indivíduo para sua caracterização linguística pessoal.

Nora sugere que na contemporaneidade prevalece a sensação de que o presente está possuído de um sentido histórico, e essa percepção mudou a aceção e a função dos acontecimentos. A sua veiculação nas mídias promoveu um verdadeiro retorno à história. Por meio delas e somente por elas, o acontecimento marcaria a sua presença. (NORA, 1974: 181). Com esse raciocínio o autor registra o *apagamento da memória do acontecimento* no “ofício dos historiadores” e o liga à questão das mídias, mas, não deixa de reconhecê-lo como matéria prima da história e fenômeno contemporâneo cobrando do historiador a compreensão da sua estrutura e de seus mecanismos.

Na mesma direção Koselleck (2006) reforça a necessidade da estruturação do acontecimento. Para o autor a perpetuação do acontecimento exige uma permanente caracterização do presente em seus aspectos particulares. Os acontecimentos surpreendentes, singulares, dão lugar a histórias, da mesma forma como as experiências ajudam a estruturar, *com o tempo*, a história. Por seu valor paradigmático o acontecimento demarca um novo tempo. Sem esta característica “não se estrutura a ideia do novo, de algo que emerge no tempo”. (p. 53)

Adensando nossa compreensão Paul Ricoeur (1987) afirma que o acontecimento traz em si mesmo, a ruptura e o acontecimento. E algo mais do que acontece; é componente intrínseco da narrativa. Toda narrativa é entremeada de acontecimentos e se articula a experiência de tempo, o tempo se torna humano pela narrativa.

Narrar é uma maneira de estar no mundo e, dessa forma, entendê-lo. Por meio da narrativa reunimos e representamos, *no discurso e no texto*, as diversas perspectivas existentes sobre o tempo. Ao narrar um acontecimento entramos no campo da experiência, no qual traços do passado são rememorados e transmitidos, ao mesmo tempo em que se ingressa num horizonte de expectativas. (RICOEUR, 1996).

Penso nossos Congressos como “*acontecimentos*” que transformaram e desencadearam novos tempos para a pesquisa e para os pesquisadores (as) do campo da história da educação em Minas. A trajetória do COPEHE revela nossas experiências e expectativas. Vou falar de “experiências” e “expectativas” dos nossos Congressos enfatizando a relação entre “saberes e afetos”. Tento traçar um pequeno mapa dos Congressos destacando suas marcas, pontos de referência, direção e caminho percorrido.

Narrando acontecimentos

O ano de 2001 dá início a esse mapeamento. De lá pra cá foram realizados bianualmente sete encontros de pesquisadores (as) da história da educação em Minas Gerais. A meu ver, o ponto alto dos Congressos está na sua perspectiva itinerante. Esse modo de operar pressupõe o deslocamento e a mudança constante, uma marca forte de um projeto que pretende abarcar pessoas e instituições de diferentes lugares e saberes e produzir novas dinâmicas relacionais, em tempos e lugares distintos.

Associo o projeto à imagem dos delegados literários do século XIX ou dos inspetores do ensino no século XX, ou mesmo de professores itinerantes, que ainda existem por aí. Como eles, o COPEHE percorreu diferentes regiões de Minas [Belo Horizonte,

Uberlândia, São João Del Rey, Juiz de Fora, Montes Claros, Viçosa e Mariana], aprendendo, ensinando, contando histórias... Disse a professora Eliane Marta Teixeira Lopes, na mesa de abertura do I Congresso, ocorrido em março de 2001, em Belo Horizonte, que o verbo contar, “é melhor verbo para acompanhar a palavra história”. Para ela,

A história conta-se oralmente ou por escrito. É isto que faz o pesquisador ao final de seu trabalho de fazer história. Ele conta, narra, aquilo que ninguém sabia, pelo menos da forma como o faz. O historiador ao fazer história, pede espaço nas memórias para aquilo que vai contar. (LOPES, 2002: 62).

Peço a vocês licença para contar histórias dos nossos Congressos. Invoco as memórias.

O I Congresso se realizou nas dependências da Universidade FUMEC em Belo Horizonte entre os dias de 28 a 30 de março de 2001. A convocação para essa ação foi feita pelo Prof. Luciano Mendes de Faria Filho a um pequeno grupo de pesquisadores vinculados a diferentes instituições universitárias da cidade. A ideia era congregar forças e criar um movimento no qual os grupos de pesquisa já constituídos pudessem dialogar, expor e aprofundar seus conhecimentos sobre a área.

Ao contrário do que algumas pessoas aqui presentes podem supor a ideia não surgiu nas famosas caminhadas na orla da Lagoa da Pampulha, realizadas pelos professores Tarcisio Vago e Luciano Mendes, nas quais costumam surgir projetos inusitados. Não. O projeto nasceu de conversas informais entre os pesquisadores da História da Educação da Universidade de Federal de Uberlândia e da UFMG e inaugurou uma perspectiva inédita: reunir recursos humanos e financeiros, de instituições públicas e privadas do ensino superior para dar suporte a organização do projeto.

O clima de expectativa e generosidade de todos os participantes marcou o I Congresso. A escassez de recursos e a simplicidade do material disponível contrastaram com a profundidade das discussões. Foram 61 trabalhos inscritos – cifra modesta – mas que traduziu a diversidade das pesquisas que vinham sendo produzidas em Minas, naquele momento. Nas conferências de abertura questões em torno da identidade do Congresso, das expectativas em relação à escrita da história da educação regional e sobre teoria e método na produção na área foram lançadas e adensadas a cada encontro.

Sobre a identidade do Congresso vale observar que a cada evento, (organizado e sediado em diferentes instituições universitárias mineiras); rupturas e deslocamentos irromperam a cena estabelecendo distinção entre as regiões e configurando particularidades de cada grupo sem colocar em risco a identidade do “acontecimento”. O princípio da parceria foi estabelecido sem abrir mão do caráter singular de cada grupo. Expectativas, demandas locais e as condições objetivas de financiamento e apoio para a realização de cada Congresso, desenharam suas particularidades.

As temáticas apresentadas a cada encontro [quadro] dão visibilidade às escolhas, aos interesses, aos investimentos, às potencialidades de cada Congresso. A adesão dos grupos ao projeto não significou igualar as propostas, ao contrário, assegurou movimentos de valorização de cada grupo e garantiu espaço para a divulgação de trajetórias e projetos de interesses de cada um deles, no tempo da realização de cada Congresso.

Se atentarmos para a perspectiva da produção científica apresentada nos Congressos, questões relevantes e desafiadoras foram destacadas. Dentre elas retomo duas: a especificidade do fazer pesquisa em âmbito regional sem perder de vista outras dimensões espaciais, e a problemática do “lugar” ou do “papel” da história da educação na construção do presente e do futuro.

Sobre o lugar da pesquisa em História da Educação em Minas Gerais, a nossa saudosa professora Ana Casasanta, destacou que em Minas, como em todo o país, a pesquisa em História da Educação só se consolidou nos anos de 1980, momento no qual surgiram os primeiros resultados dos programas de pós-graduação instalados na década de 1970. Ela rememorou a experiência do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de Minas Gerais (CRPE) entre 1956 e 1966 que, apesar de sua relevância não foi foco de interesse no projeto da pós-graduação no Brasil. Ao final de sua fala sugeriu temáticas para a pesquisa e reivindicou maior investimento no campo teórico-metodológico e rigor nas *indagações* ao passado, postura que segundo ela, permite ao pesquisador “pensar em bases mais sólidas e realistas, nossas futuras ações como educadores, pois a memória alimenta a cultura, nutre a esperança e torna humano o ser humano” (PEIXOTO, 2002).

A “expectativa” de Ana Casasanta toca o nosso coração. Categoria fundamental no pensamento de Koselleck, a “expectativa” aponta para o “não experimentado”, a esperança que temos; o desejo e vontade, a inquietude; mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade que formam parte da expectativa e a constituem. A expectativa se efetua no hoje, é futuro feito presente. Para Koselleck a “*expectativa*” e a “*experiência*” tematizam a “condição humana universal” e tornam possível a existência na história, tanto no plano da realidade, quanto no do conhecimento, porque os humanos são seres temporais, constituídos pelas experiências do passado, ao mesmo tempo em que é capaz de planejar o futuro, atualizando-o no presente.

A relação do homem com a temporalidade é permeada por experiências e expectativas. Não há conhecimento, recordação ou vivência do passado que não seja informada por uma visão de futuro e vice-versa. A “*experiência*” é um passado presente, no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser recordados. Quanto às “*expectativas*”, elas não podem ser inteiramente deduzidas da “*experiência*”, e não podem existir de forma completamente independente. É na tensão entre estas duas dimensões que Koselleck identifica algo como o “tempo histórico”. (Koselleck, 2006). A partir das reflexões de Koseleck é possível dizer que *cada presente fabrica uma pesquisa*, contando com o conhecimento disponível a cada tempo e tem potência para se reinventar, pois a cada investigação do passado é possível perceber como sujeitos humanos combinam “*experiências*” a “*expectativas*” de futuro.

Atingimos então o segundo ponto do mapeamento que propus: a direção e os caminhos percorridos, as referências produzidas pelos congressos. Se o I COPEHE abriu um horizonte de expectativas, o II COPEHE, que ocorreu em Uberlândia entre os dias 6 a 09 de maio de 2003 e foi organizado pelo Núcleo de Estudos e Pesquisa em História e Historiografia da Educação da UFU, produziu uma nova experiência, na qual a dimensão do tempo e do espaço foi visivelmente expandida. O evento contou com 151

trabalhos inscritos e reuniu mais de 600 acadêmicos, entre conferencistas, organizadores, expositores de trabalhos e assistência. As atividades aconteceram num espaço específico de um grande Shopping pela manhã e noite, o que tornou possível maior participação dos universitários da região, que tiveram a oportunidade de ouvir importantes intelectuais da área. De modo particular, as reflexões sobre a produção da pesquisa e o ensino da história da educação ampliaram o campo de visão em torno da temática da invenção das instituições escolares públicas e a profissão docente, e aproximou pesquisadores oriundos de regiões geográficas e instituições diversas, alargando o intercâmbio de experiências e saberes.

O III COPEHE aconteceu na cidade colonial de São João Del Rey entre 2 e 5 de maio de 2005, no espaço da UFSJ. Os registros do congresso dizem das expectativas dos organizadores em produzir um movimento de renovação das temáticas de pesquisa. Para tanto encomendaram estudos que foram produzidos e apresentados pelos conferencistas a partir de quatro eixos: a pesquisa e o ensino em história da educação, fontes de investigação, gênero, etnia e educação, a relação entre a construção da nação e os projetos de escolarização. Em torno deles 86 trabalhos foram apresentados. Participaram das comunicações e das conferências estudantes e pesquisadores da região e de outros pontos do estado e do país. As temáticas debatidas no Congresso estimularam reflexões sobre o processo de renovação no campo da pesquisa e da escrita em História da Educação, que foram acompanhadas por um público encantado pela beleza e sensibilidade das apresentações de música colonial brasileira, espalhadas pela cidade.

O IV Congresso teve lugar no campus da UFJF, entre 7 e 10 de maio de 2007 e recebeu um público de 255 pessoas e 178 trabalhos. Na conferência de abertura a historiadora Ângela Castro Gomes analisou a importância e a dificuldade do projeto político da Primeira República sondando o papel dos intelectuais engajados no referido projeto. As nuances da relação intelectuais e educação estiveram presentes em boa parte dos trabalhos apresentados que trataram de questões da cultura, das práticas educacionais, da imprensa e formação docente. Nos debates e nos diferentes discursos e textos que circularam pelo congresso, preocupações em torno da produção de uma história regional; implicações e problemas investigados e relação com os projetos nacionais, mobilizaram pesquisadores. As reflexões relacionadas à escolarização e à invenção das instituições escolares públicas no Brasil aguçaram a expectativa e o desejo dos pesquisadores em contribuir na conquista do direito à escola de qualidade para todos.

O V COPEHE aconteceu na ensolarada cidade de Montes Claros entre os 05 e 07 de maio de 2009 e contou com a participação solidária de diversas pessoas e instituições que co-organizaram o evento. Pela primeira vez elegeu-se uma temática para orientar os trabalhos. A poética ideia “(Re)Visitando as Minas e Desvelando os Gerais” inspirou a organização das conferências, mesas-redondas, comunicações orais e pôsteres; um total de 158 trabalhos inscritos. De maneira geral novos olhares sobre temas e problemas de pesquisa em história da educação em Minas ganharam espaço no evento. Os trabalhos apresentados contemplaram diversos tópicos; a relação campo cidade, as conexões entre educação e desenvolvimento, os pressupostos científicos e a materialidade da escola.

A necessária reflexão sobre história regional, estimulada pela temática do V Congresso “(Re)Visitando as Minas e Desvelando os Gerais” foi iniciada pelo prof. Luciano Mendes na mesa de encerramento do evento, quando ao propor a necessidade de um aprofundamento dos conceitos de região e de regional e sua utilização como critério de classificação, que em alguns casos produz efeitos no mínimo indesejáveis. Nas escolhas que fiz para organizar este texto não cabe uma reflexão mais estruturada de uma problemática que continua em aberto. Resta a expectativa de que a experiência nos ajude a lidar com as tensões que envolvem o tema, atualizando-o.

O VI COPEHE, foi realizado na cidade de Viçosa entre 16 e 18 de agosto de 2011 elegendo como tema “10 anos – Balanços e Perspectivas da Pesquisa em História da Educação em Minas”. Na chamada “cidade universitária” o Congresso fez parte do calendário comemorativo dos 85 anos [hoje 87] da Universidade, criada em 1926 e dos 50 anos da Pós-graduação da UFV. No clima dessas comemorações, a ideia de um balanço dos 10 anos dos Congressos de Pesquisa e Ensino em História da Educação em Minas Gerais foi a tônica do encontro. A tarefa de produzir tal balanço coube à professora **Cynthia Greive Veiga**, que nos ofereceu um importante inventário do conjunto de trabalhos apresentados entre 2001 e 2009. Atualizando esses dados, observa-se certa constância nas temáticas e abordagens dos problemas de pesquisa ao longo do tempo, o que não quer dizer que as pesquisas venham se repetindo, ao contrário, elas se reatualizam indicando pertinência dos temas e a necessidade de se reforçar o investimento de maneira a esclarecer no âmbito dos conceitos de “região” e “história regional”, os paradoxos dos cenários contemporâneos e repensar o sentido da pesquisa em História da Educação que se processa interna e externamente ao espaço escolar.

Finalizando...

Neste VII COPEHE, que ocorre em Mariana, primeira Vila e primeira Capital da então “Capitania de Minas Gerais”, a força do passado instiga pensar o futuro. Percorremos até aqui um ciclo, uma jornada de trabalho. Nossa “experiência” registra a crescente produção da pesquisa em história da educação, elaboradas em diferentes instituições mineiras. Nesses doze anos, ampliamos a perspectiva das parcerias institucionais, das trocas acadêmicas, da escrita de artigos, as publicações coletivas - frutos do trabalho e da discussão de temas e problemas que abarcam o dia a dia de cada um de nós. A cada Congresso estabelecemos uma escuta cuidadosa e uma crítica construtiva, na pluralidade de nossas pesquisas. Aprofundamos e refinamos conhecimentos com consciência de quem somos, e, do que nos afastamos. Fizemos história! E, o mais interessante, fizemos história repartindo “saberes e afetos”.

Diante da ideia de que concluímos uma jornada, um circuito, entre as diferentes regiões de Minas e as ideias que circularam nesse VII Congresso “A escrita da história da educação no Brasil e em Minas Gerais”, cabe perguntar. Qual é o nosso horizonte de “expectativas”? Francisco Iglésias, importante historiador mineiro, cujo nome batiza esse auditório, nos dá dica.

Interesso-me pelo estudo do Brasil recente porque sou muito ligado às coisas que acontecem à minha volta. A questão da temporalidade inclui o futuro, mas acho que a esse respeito o historiador deve ser muito prudente. Com o presente, sim, o historiador deve estar muito preocupado. Minha preocupação maior é com o aqui e agora, com o que me cerca, com o mundo em que vivo. Meu convívio e entusiasmo pessoal com a história vêm ao encontro dos problemas do presente. Não acredito em historiador que não tem interesse pelo que está acontecendo hoje”⁵.

Referências

- LOPES, Eliane Marta Teixeira. Ensinar História da Educação. In. LOPES, Ana Amélia Borges (org) Anais do I Congresso de História da Educação em Minas Gerais, Belo Horizonte, Editora FUMEC, 2002.
- KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado, Contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução, Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto – Ed. PUC-Rio, 2006.
- NORA, Pierre. O Regresso do Acontecimento, in Jacques Le Goff e Pierre Nora (org.) Fazer História, trad. Maria Eduarda Correira. Lisboa: Bertrand, 1974
- PEIXOTO, Ana Maria Casasanta. A Educação mineira na história: notas para um inventário. In. LOPES, Ana Amélia Borges (org) Anais do I Congresso de História da Educação em Minas Gerais, Belo Horizonte, Editora FUMEC, 2002.
- REIS, José Carlos. O Conceito de Tempo Histórico em Ricoeur, Koselleck e “Annales”: Uma Articulação Possível. Revista de Filosofia, Vol. 23, N.73 (1996). Cf. <http://www.faje.edu.br/eriódicos/index.php/Sintese/article/view/989/1428>.
- RICOEUR, Paul. Teoria da Interpretação. Lisboa: Edições 70, 1987.
- RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa. Campinas: Papyrus, 1996. V. 1, 2, 3.

*Recebido em fevereiro de 2015
Aprovado em maio de 2015*

⁵ Cf. http://www.canalciencia.ibict.br/notaveis/livros/francisco_iglesias_31.html Entrevista concedida a professora Maria Efigênia Lage (Departamento de História/UFMG) e Roberto Barros de Carvalho (Ciência Hoje) junho, 1991.